

O TRABALHO

ORGAN TYPGRAPHICO

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

Publica-se aos domingos. Aos collegas d'arte distribue-se gratuitamente; ás demais pessoas vende-se a 100 réis o numero.—Escriptorio na typographia *Allemã*.

O Trabalho

S. Paulo, 13 de Fevereiro de 1876.

A *Imprensa Ituana* acaba de inscrever-se na grande lista dos campeões da idéa.

Alheia á politica, promette dedicar-se exclusivamente á instrucção e exercicio do Instituto Ituano.

E' nobre a missão da imprensa, principalmente quando tem por fim a instrucção da mocidade; porque um povo não pôde comprehender seus direitos, sem ter sciencia dos principios que constituem o homem na sociedade.

Depre vão os tempos em que a instrucção era monopolio dos ricos, ou daquelles que faziam do ensino um monopolio ridiculo. Hoje, porém, a

Folhetim

Si ha momentos em que a recordação é doce, não só para os que soffrem, como para os felizes, são aquelles, em que ao longe, ouve-se o dobre da *Ave-Maria*.

E' o crepusculo! E' a hora em que o sol nos abandona, que a seus brilhantes reflexos succedem as trevas.

E' a hora em que o astro-rei recolhe-se a seu palacio azul, para no dia seguinte apparecer risinho e moço como sempre!

Fitando-se então essa metamorphose, apossa-se de nós o delirio da recordação.

Pensa-se: olha-se para o passado, afim de invocarmos uma imagem que nos seja grata ao coração.

O que se nos appresenta?

Uma creança, loura, rosada e de olhos azues.

Pedimos á ella uma lembrança: ella não se recusa a dar-no-la.

Mudo, mas expressivo, esse anjo que figura a idade feliz, faz-nos comprehender que tambem já passamos por essa phase.

E' a infancia!

Rompe-se o véu que vendava a nossa imaginação!

imprensa vae inundando de luz a nossa rica provincia, e o povo, nas cidades, como nos sertões inhospitos, já vae sentindo seus beneficos effeitos.

Prosiga a *Imprensa Ituana* no seu nobre proposito, e receberá do povo, que por certo a acolherá, as bençams e louvores de que é digna.

Desejamos ao illustre contemporaneo toda a sorte de venturas.

Litteratura

Recordação

No momento que a tarde diz sandades,
Como é doce, meu Deus, o recordar
As folhas tão queridas do passado
Que o silencio faz saudoso despertar!

Lembramo-nos então, que noutro tempo, alguém nos chamava — creança.

Que esse alguém, era uma bella mulher, que muito amavamos, que idolatravamos!

Nossa mãe?! Sim, nossa mãe. O ente, que morto para o mundo, não o é para nós.

Mãe! nome delicioso; primeira palavra que o infante balbucia.

E depois, as recordações se desprendem uma a uma.

Não é só a imagem de nossa mãe que nos faz rememorar a infancia, é tambem a de nossa irmã. Candida menina de madeixas negras; branca como a neve, mimosa como o lyrio.

Daquella, tem a pureza, deste tem o perfume.

Chora-se; não o choro de outr'ora, que, ao mesmo tempo que provocava lagrymas, tambem desatava risos.

Não. E' um choro impossivel de qualificar.

São gottas de orvalho que a tempestade intima depositou em nosso coração.

São lagrymas de sentimento e de felicidade.

A infancia... quadra que não volta; que não mais se reproduz, com todo o seu cortejo de futilidades.

Os brinquedos infantis; o berço em que dormiamos ao som de uma canção que nossa mãe ou irmã nos cantava; os passarinhos que, pasmos,

E' tão doce, meu Deus, lembrar chorando
Os momentos que nos traz uma saudade,
Do passado os gosos já perdidos
Ao relêl-as à sós na soledade.

No murmurio da fonte se perdendo
Saudosa entre as flôres, vae a brisa
Repetindo o passado tão querido,
Quando o pranto pelas faces se deslisa !

E.

Loucura

Amo de Julia
O sorriso bello,
A voz sonora,
O trajar singelo.

A côr mimosa
De seu lindo rosto,
Qual a camelia
De sublime gosto.

— Ah si eu pudesse
Angelical' menina,
Depôr um beijo
Nessa tez divina

seguíamos com o olhar, no interminavel saltar
dentro da prisão : o nosso canteirinho de flôres...
tudo, tudo que nos acompanha, que nos ama, que
nos é precioso nessa época de gosos, de risadas
e de amores.

A nós mesmos dirigimos uma interrogação.
Onde está tudo isso ?

E a dura realidade nos mostra o tempo... o
tempo, que, no dizer de um grande escriptor, é
o velho desapiedado que não escuta nem o rico
nem o pobre, nem os principes nem os proletarios,
nem os grandes homens, nem os tolos ; que
é surdo ás supplicas da belleza, ás lagrymas da
velhice, ás graças da infancia !...

Elle conduz-nos a um logar cercado de cypres-
tes, cheio de pedras brancas que representam
phantasmas, e nos aponta uma lousa.

Alli está nossa velha mãe : morta, esquecida
entre aquella população de finados.

Reverentes, depômos os joelhos em terra e so-
luçamos uma oração. O *Padre-Nosso*, a unica que
ficou gravada em nossa alma, de tantas que nossa
mãe nos ensinou !

E a irmã ? essa menina que nos acalentava em
seus braços : onde está ?

Longe, bem longe ! trocou a palma de virgem
pela grinalda de noiva . Casada, acompanhou o
esposo. Hoje, vive para elle e para seus filhos.

Minh'alma pobre
Te daria flôres ;
Meu peito ardente,
A soluçar amores !...

Fevereiro — 1876 —

J. R.

Variedade

O lenço

Dentre tantos objectos inventados para uso da
humanidade, é incontestavelmente o lenço, o
unico que quasi geralmente se encontra em poder
de todos.

O que custa possuir um pedaço de cambraia,
linho, morim ou chita ?

Sem duvida que não é preciso ter-se uma ri-
queza para obter-se um objecto tão pequeno, mas
indispensavel.

Si o inventor do lenço vivesse na actualidade,
necessariamente seria galardoado, e mais tarde,
o seu nome ouvir-se-hia cantado por todas as na-
ções, e a sua figura reproduzida em estatua.

Infelizmente esse grande inventor ficou, como
tantos, no esquecimento perpetuo.

O lenço passa por muitas phases na vida
Algumas vê o destino que lhe dão
pouco penoso. Em certas occasiões, é horrivel

E assim, tudo : os brinquedos, onde pararão
os pedaços ? o berço, atirado à um canto, coberto
de poeira, pede ha tantos annos uma creança que
lhe dê vida ; os plumeos cantores jazem no lim-
bo do esquecimento ; e o canteirinho de flôres...
oh ! pobres flôrinhas, seccaram... morreram...
e no logar dellas, vivem viçosas e frescas, as hortali-
ças que o homem plantou para o sustento de sua
prole.

Triste verdade !

Então voltamos ao mundo real e positivo.

Deixamos todas essas imagens do passado
para encontrarmos com as dos indifferentes do
presente.

A noute nos cerca com seu manto de terror.

Passamos a mão sobre a fronte : achamol-a
ardente ; examinamos os olhos : elles teem la-
grymas.

Abençoadas lagrymas ! Ellas ainda nos recor-
dam os sonhos côr de rosa ; ellas nos dão prazer.

São as provas de que temos um coração, em-
bora gasto pelas decepções do mundo, mas que
ainda palpita pelas cousas santas.

— Chora, coração, — chora. Nesse pranto
renasce a infancia ; são as lagrymas felizes : são
as saudades dos tempos idos.

V. C.

Mas, em compensação, aquelles que são lindos e delicados, teem sempre *boa sorte*.

Até aqui os feios são *caiporas* ! Triste cousa é a fealdade !

Com as damas, o lenço tem um socegado viver, fazendo-se, porém, algumas excepções.

Ora, no bolso, ora, juncto ao pescoço, e ora, seguro pelas mãosinhas pequenas e avelludadas das moças, eis como decorre o tempo para o lenço.

A excepção que abri, foi a seguinte :

Com as namoradeiras, é diversa a missão do lenço.

Não tem descanso um minuto. Sempre nesse continuo trabalho de fazer signaes aos namorados, de dar um chiste á posição que ella deseja, etc., etc.; e ahí fina-se o lenço, de uma molestia que os medicos não conhecem : — dilaceramento por causa de ciumes.

As moças namoradeiras são ordinariamente as *verdugas* dos pobres lenços !

Ao contrario destas, as velhas dão ao lenço um viver interminavel, si bem que aborrecido.

Ahí a extracção dos de chita de ramagem.

Pulverizados de tabaco, eis como passam, ás vezes, quasi que um seculo !

Com os homens, o lenço representa mais importante papel.

É muito dizer que os moços o tractam muito bem. Sempre perfumados, .. sempre dobradinhos com cuidado, eis como os lenços atravessam este mundo.

Si pertence a ministro, senador ou deputado, muito tem a fazer.

Quantas vezes, numa discussão acalorada, o lenço preenche um vacuo, disfarça um *caroço* !

Si o orador esquece-se de uma phrase, ou perde o fio do discurso, pucha pelo lenço, passa-o pela testa, (como quem enchuga o suor) ; ou então, finge uma tosse, e lá vae o lenço para a bocca !

Ah ! si não houvesse este refugio, quanto *flasco* não se daria !

O velho, que ainda tem fumaças de moço, tambem utiliza-se do lenço como intermediario em seus amores.

A mesma existencia monotona que o lenço passa com as velhas, se repete com os velhos.

E' rapé e mais rapé ; *cangica* e tabaco ; tabaco e *cangica*, para variar.

Neste caso, não é o de ramagem que predomina : é o vermelho, o azul, o pardo, e outros...

O esquecido, tambem serve-se do lenço, não só para o uso ordinario, como para dar nós. O nó é uma lembrança.

O artista, o cocheiro, o lavrador, o caixeiro, o taverneiro, o cambista, e finalmente, toda a classe da sociedade, occupam o seu lenço.

Ahí variam as fórmas, mas sempre é um lenço.

Ha alguns, que já não occupam lenço, mas sim uma toalha !

No tempo do defluxo, quem poderá passar sem um lenço ? Ninguem.

Ahí, todos o querem, todos o procuram ; e não é um só : é aos tres e quatro por dia !

Pelo que fica exposto, vê-se que o lenço entra em toda a parte, sendo bem succedido.

Quantos não invejarão algumas vezes a sorte do lenço !

Para terminar cito um exemplo :

O lenço é tão necessario, que o nosso governo dá ao soldado, um de seis em seis mezes, ao passo que não lhe fornece ceroulas e nem meias !

V. C.

Conquista difficil

— Donzella, não me despreze ;
Minha joyen, meu encanto,
Não vê que por sua causa
Derrubo sempre meu pranto ?

— Isso lá pouco me importa,
Quem lhe mandou amar ;
Não sabia que eu desejo
Um noivo para *gastar* ?...

— Tenha de mim piedade,
Não me maltracte assim ;
Nem sempre a sede d'ouro
Dá-nos muito bom fim !

— Era só o que faltava
Casar-me com um *pobretão*,
Com um *typo* tão ridiculo,
Parecido com *leitão* !

— Menina, não mais m'insulte,
Não me diga mais *chalaça* !...
Será crime eu adorar-lhe,
Si amor é minha *cachaça* ? !...

— O que diz ? sr. *maroto* ?
Salta daqui para fóra !
Si quizer ter namorada
Tracte melhor a senhora.

— Melhor do que lhe tractei,
Ninguem mais lhe tractaria ;
Si não lhe tivesse amor,
Não sei o que lhe faria !

— Deixe-se pois de ameaças,
Porque tambem não lhe temo ;
Si continúa a *amolar-me*
Mando-lhe já p'ra o *demo* !

— Eu lhe faria feliz,
Comida não faltaria ;
Quanto dinheiro ganhasse
Para a senhora seria.

— Faria, o que fazem outros :
Passeiam á brisa fagueira
Deixando a mulher em casa
Servindo de *cosinheira* !

— Deixe de luxo, menina,
Não magôe seu amante ;
Case comigo... verá,
Que não sou nenhum *tratante* !

— Pois bem : já que tanto pede
Vou lhe dar a minha mão :
Veja agora si consegue
Captivar-me o coração !...

J. R.

Charadas

Sou irmã da charidade. 1
E eu nunca heide morrer. 2
Vivo em corda, em linhas vivo, 1
Condemnado a não te ver. 1

CONCEITO

Sou por ti desconhecido,
Por isso te causo espanto,
Nos astros, no céu, nos mares,
Surjo ás vezes, por encanto.

C. A.

E' bem triste a existencia 1
Daquelle que contigo passa ;
Sou bom e sempre ruim, 2
Sem que nenhum mal faça. 2

CONCEITO

Sirvo para corroer
E tambem para morrer.

V. C.

Factos diversos

Sob o titulo — *O Tempo* —, acaba de apparecer na Côte, um jornal de pequeno formato.

E' elle noticioso e recreativo.

Accusando o recebimento, agradecemos a offerta, desejando ao novo campeão longa vida e felicidade.

Durante a semana finda, recebemos mais os seguintes jornaes :

Tribuna Amparense, Tietê, Imprensa Ituana, O Popular, O Seculo, A Aurora, O Independente e O Angrense.

A's distinctas redacções agradecemos a offerta.

Ao nosso collega, o sr. Jeremias José de Almeida, residente em Itú, agradecemos sinceramente a felicitação que nos dirigiu em carta de 8 do corrente, a proposito do apparecimento deste jornal.

E' sempre com o maior jubilo que registramos factos desta ordem.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para a poesia, que sob o titulo — *Recordação* —, publicamos no lugar competente.

E' ella producção de uma intelligente senhora que se acha nesta capital.

Fomos obsequiados pelos nossos collegas do *Municipio*, (Itapetininga), com varios numeros do *Partido Municipal*, que se publica naquella cidade.

Muito agradecemos esse signal de delicadeza.

Realisou-se no sabbado, 5 do corrente, no theatro Provisorio, o spectaculo em beneficio da distincta e sympathica cantora da companhia hespanhola, a sra. d. Purificação Avila.

A peça escolhida pela beneficiada, foi a excellente zarzuela em 3 actos — *A Filha do Regimento*, que correu maravilhosamente, quer nas situações dramaticas quer no canto, merecendo, justissimos e geraes applausos.

No intervallo do 2.º para o 3.º acto, a beneficiada cantou a mimosa canção, intitulada — *Juanita*, que tambem foi freneticamente applaudida, pedindo a platêa *bis*.

Por essa occasião, foi-lhe offerecida um mimo de valor e diversos *bouquets*.

Foi finalmente, uma noite cheia de attractivos, que nos proporcionou a sra. d. Avila.

Os demais artistas, trabalharam satisfactoriamente.

O theatro regorgitava de espectadores.

— No dia 6, repetiram a sublime zarzuela em 3 actos — *Catharina da Russia*, que, como sempre, foi immensamente apreciada.

— Na quarta-feira desta semana, foi á scena pela primeira vez, a linda zarzuela em 2 actos e 4 quadros — *El tio Canillitas*, e a engraçada comedia — *União Iberica*.

Os artistas que tomaram parte no spectaculo, trabalharam bem.

Como já dissêmos, pedimos aos nossos collegas, que não teem recebido o *Trabalho*, a bondade de mandar buscal-o na typographia Allemã.

As charadas do numero antecedente, são :

1.ª — *Guilhermina* ; 2.ª — *Sacarolha* ; 3.ª — *Café*.